



REDACÇÃO PRINCIPAL —
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. *Talhaba* — Lisboa — Telefone:
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O governo e os ferroviários

Tem demonstrado o governo da presidência do sr. Sá Cardoso a sua absoluta incompetência para resolver de uma forma aceitável a greve ferroviária, que há tantos dias se mantém vigorosamente. Com a sua atitude intransigente, com o seu critério tacanho, ante um grave movimento de uma corporação operária, de que depende o mais importante dos grandes serviços públicos, teve o actual ministério o condão de criar uma atmosfera que lhe é adversa, para a formação da qual não só contribuíram os ferroviários, revoltados pelas violências de que tem sido alvo, mas ainda a esmagadora maioria da opinião pública, que tam duramente está sentindo os efeitos da anormalidade dos serviços ferroviários, anormalidade de que são unicamente responsáveis os governantes. A oposição à atitude do governo não se manifesta somente entre as classes proletárias; dela participam, também, elementos políticos que mais ou menos lhe são favoráveis, oposição ontem tornada pública no editorial do jornal *A República*, órgão do partido que se denomina evolucionista, e onde se lêem estas palavras:

«A forma por que o governo tratou a greve ferroviária não o acreditou. Os operários não são um regimento assoldado a quem se dêem ordens de comando; e não podem ser colocados fora da lei, como criminosos ou malfetores. Sobre o direito de greve, a «vaga-fantasma» produziu entre as massas operárias um arripio de horror e um movimento de cólera que se está traduzindo em actos desordenados de revolta.»

Constituem estas palavras, escritas por quem não pode ser suspeito de simpatizante do movimento sindicalista, a condenação formal da atitude do ministério. São esmagadoras, irresponsáveis.

No entanto, apesar da sintomática atitude do órgão evolucionista, apesar da hostilidade da opinião pública, apesar da agitação que reina entre o proletariado, o sr. Sá Cardoso acha cómodo continuar defendendo encarnadamente os interesses da burguesia, ainda mais injustificáveis e absurdos, tentando estrangular uma classe operária que poderosamente contribuiu para a salvação do actual regime, quando os anárquicos, em som de guerra, marchavam em tropel sobre Aveiro, ameaçando, ao mesmo tempo, Coimbra.

Chega a ser incompreensível a atitude do governo; por mais que nos esforcemos por procurar a sua razão de ser, não a conseguimos encontrar, justificando-se, apenas, com a sua manifestada

NOTAS & COMENTÁRIOS

Uma acusação grave

A *Luta*, que tanto criticou a *Batalha* por ter classificado de marionetes certos burgueses, não hesitava em publicar no seu número de ontem a seguinte notícia:

«Segundo uma nota recebida da *Arca*, presume-se que provem de alemães concentrados em Espanha as dezenas de contos que tem entrado em Portugal para alimentar determinadas greves e para a propagação bolchevista. A maior parte desse dinheiro fica nas mãos dos moneiros.»

Grave é a acusação, que nesta notícia se faz, e embora a *Luta* fosse fornecida pelas estações oficiais, deveria rodé-la das necessárias reservas, aguardando as provas, que necessariamente as estações oficiais devem ter, uma vez que fornecem tais informes, para não se pronunciarem.

Vê-se, pois, que a *Luta*, que tanto blasona de correcção de processos, usa os mais piores que os nossos, que são guiados sempre pela maior lealdade, com tudo e para com todos. É lamentável que tenhamos de registar este facto...

Um esquecimento

Crítica a *Luta*, de ontem, num sueto assim epigráfico, as apreciações deste jornal acerca do aumento de subsídios aos parlamentares, informando-nos ser a respectiva proposta da autoria de um deputado socialista, e opinando que «deve a *Batalha* entender-se com os seus correligionários que são deputados, e depois de chegar a acordo com eles, tratar, como lhe parecer, do caso.»

Descobida é a estranheza da *Luta*, assim como o seu comentário. Nada tem este jornal com os deputados socialistas, posto que na sua qualidade de órgão da U. O. N., é, como esta, a parlamentarista, não tendo entendimentos ou relações com quaisquer agrupamentos políticos, seja qual for o seu rótulo. Deveras estranhámos as apreciações de *A Luta*, que bem demonstram o quanto está alheada do estado actual do movimento sindicalista português, desconhecendo este que a poderá levar, como neste caso, a fazer considerações desproporcionadas e bem reveladoras da sua ignorância na matéria.

No teatro de S. Bento

Ontem, por falta de comparência da maioria dos figurantes, não houve espectáculo. Bordaram-se comentários sobre o caso, havendo línguas danadas que para ai afirmaram representar ele o início duma greve dessa prestimosa classe, que seria motivada pelo descontentamento que entre ela lavra por a comissão de finanças ainda não ter dado o seu parecer sobre o aumento de subsídio, a que ontem fizemos referência. Custa-nos a acreditar em tais insinuações. Todavia, a ser verdade o que se diz, achamos justa a greve, porquanto o trabalho exoptante dos illustres pais da pátria de forma alguma é compensado pelo irrisório salário que auferem...

Perseguido...

Segundo um contrato existente entre este jornal e a Companhia dos Caminhos de Ferro, contrato idêntico ao que tem todos os outros jornais, é esta obrigada a fazer transportar os exemplares enviados para a província em troca da publicação dos seus anúncios. E é para não faltarmos ao que nos obrigamos nesse contrato, que nos temos visto forçados, por vezes a publicar anúncios da C. P. convidando o pessoal a retomar o trabalho, o que, como se compreende, temos feito bem contra nossa vontade.

Sucedeu agora que os oficiais militares que estão guardando a estação do Rio impidem que o nosso jornal siga, recusando-se sistematicamente a recebê-lo, o que nos acarreta, todos os dias, avultados prejuízos. Achamos deveras singular que tendo nós, como dissemos, um contrato com a C. P., a que nunca faltamos, esta agora permita que entidades que lhe são estranhas, evitem que a *Batalha* siga, aliás sem favor, ao seu destino, faltando assim ao que no mesmo contrato está estipulado.

E' mais uma perseguição dos governantes, que registamos nestas colunas, a fim de que as gerações vindouras possam apreciar a liberdade que hoje se goza em Portugal, quando governa um ministério democrático de uma República que igualmente se diz democrática.

A BATALHA

Reunião da Comissão Instaladora

Para apreciação de assuntos importantes, que se prendem com a expansão deste jornal, são convocados os camaradas que compõem a sua comissão instaladora, a reunir hoje, pelas 19 horas.

Na Hungria

Os romenos descontentes com os aliados vão retirar da Hungria.

PARIS, 9. — Dizem de Viena que causou um forte descontentamento entre os romenos a notícia de que o conselho supremo interalido entregou a quatro generais da *Entente*, enviados a Budapest, mas por fim decidiram abandonar essa ideia.

Anunciase, ao mesmo tempo, que será retirada a maioria das tropas romenas de ocupação.

A questão vidreira

Volta o sr. Norberto de Araújo, em artigo que ontem publicou na *Manhã*, a falar da importação de operários para trabalhar nas fábricas de vidros, operários que não são franceses mas sim espanhóis, conforme dissemos no nosso número de ontem. As suas considerações, factuais, seriam-se o não reconhecessemos — não desmerecem a classificação de justas e ponderadas que demos às anteriores, naquele mesmo jornal publicadas há dias, e às quais juntámos uns esclarecimentos que nos pareceram necessários para completar a opinião daquele senhor.

Esses esclarecimentos, contidos num artigo de *A Batalha* de há quatro ou cinco dias, demo-los por queremos aclarar a questão que pelo sr. Norberto de Araújo não havia sido colocada nos seus devidos termos, por desconhecer este senhor pormenores que vinham reforçar as suas afirmações quanto ao procedimento dos industrialistas do vidro.

Pois na *Manhã* de ontem, referindo-se às nossas considerações, diz o articulista que elas o «fazem sorrir na parte que lhe dizem respeito e na referência que lhe endereçamos desdenhosamente».

Ora, devemos confessar, que não encontramos nas nossas considerações coisa que mereça sorriso do sr. Norberto de Araújo, pois, por de coisa seria se tratar, não o poderíamos fazer de modo a provocar risos a quem quer que fosse. Não desdenhamos porque não costumamos aqui desdenhar de ninguém. Seremos intolerantes, se o sr. Norberto de Araújo o pretender, mas somos sinceros e francos quanto podemos ser, o que não sucede com toda a gente.

E é à nossa sinceridade e à nossa franqueza que se deve o termo-nos referido às suas palavras classificando-as de sensatas, porque achamos que o eram e porque estamos pouco habituados a ver sinceridade e sensatez na prosa dos nossos jornalistas, sempre que tratam de questões operárias.

«Não é patriótica a maneira como o sr. Norberto de Araújo sentiu a questão?»

«Pois não feriu ele a corda patriótica ao verberar o procedimento dos industrialistas?» Onde está, pois, a parte do nosso artigo que o faz sorrir?

Subsiste ainda uma afirmação daquele senhor, que não podemos deixar passar em claro, tam grave a reputamos. Que *A Batalha* é «fértil de intolerâncias». O que entenderá por intolerâncias, o sr. Norberto de Araújo?

Intolerantes nós?

Gostaríamos que o sr. Norberto de Araújo concretizasse, posto que vivíamos na ilusão de que eramos o contrário.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa

A comissão administrativa recomenda mais uma vez a todos os organismos e camaradas que ainda o não fizeram, para que contribuam com o máximo da sua solidariedade a favor dos camaradas ferroviários da C. P., que se encontram em luta contra os seus algozes; encontrando-se na nossa sede, Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º, amanhã das 15 às 22 horas dois delegados para receber qualquer doativo.

ORFEÃO SOCIAL

O Orfeão Social, cujos ensaios há tempo suspenderam, vai reentrar brevemente em actividade, tendo sido já removidos os obstáculos que ao grupo fundador se apresentaram. Na sede das associações gráficas, Travessa da Agua Fria, 55, realizar-se-á brevemente uma reunião dos executantes inscritos que *A Batalha* anunciará oportunamente. A essa reunião é indispensável a comparência de todos.

Pró-AVANTE!

Vários camaradas, desejando que o nosso presado colega *Avante!* reapareça brevemente, tem aberto questões, cujo produto iremos publicado. Hoje, temos a registar mais duas: uma aberta nas obras do Asilo da Casa Pia, rendendo 2880; a outra na assembleia geral da Associação dos Cabanheiros, rendendo 2500. Muitos operários tem pedido à direcção do *Avante!* listas, a fim de abrirem listas nas oficinas onde trabalham.

O camarada António Simões Branco, entregou, com o mesmo fim, a quantia de \$50.

Federação da Construção Civil

Um apelo aos operários da indústria

Novamente a Federação apela para a nunca desmentida solidariedade que todos os operários da indústria possam e devam prestar aos camaradas ferroviários em luta. Os ferroviários saíram vitoriosos desde que a nossa solidariedade material se fez sentir em todas as obras e oficinas, fornecendo esta Federação listas para tal fim.

Os governantes dizem que não há de saber quem tem dado dinheiro aos grevistas para eles se manterem. A esta manifestação de impotência todos devemos responder, que quem tem dado auxílio aos grevistas são os operários conscientes e nestes podemos incluir alguns milhares de operários da construção civil!

«Não querem os governantes que prestemos aos ferroviários a nossa solidariedade?»

Pois resolvam a greve.

Viva a solidariedade operária! Vivam os heróicos ferroviários!

Ainda a greve de Olhão

Continuam presos no calabouço n.º 9 do governo civil os operários José de Sousa Angélio, Paulo do Nascimento Gouveia, Luis Eduardo de Brito Abelhã, Manuel de Sousa Angélio, José Jerônimo Henriques, Augusto César da Silva, José Manuel Dias e Francisco dos Anjos Palma Boa, que vieram de Olhão, quando da greve da classe marítima daquela localidade. Detidos arbitrariamente, sem serem grevistas ao menos, pois mesmo que o fossem não seria isso crime que merecesse castigo tam severo das comadres autoridades daquela vila algarvia, os nossos camaradas de outro crime não são acusados senão o de «agitadores».

Sabemos nós o que isso significa. Sabemos bem quanto o termo *agitadores* tem servido de epíteto aos que sabem o lugar que ocupam e a que sabem cumprir o seu dever nesta terra onde poucos há que o cumpram.

Agitadores são os que não se amolam facilmente ao ambiente estreito, apertado cada vez mais, em que o despotismo dos que mandam nos obriga a viver. Agitadores são, em Olhão, aqueles que não se calam ante as patifarias praticadas pelos burgueses lá da terra. E, sem mais nem menos, prendem os seus autores, e mandam-os para os calabouços onde mandam de fome, enquanto as famílias morrem de miséria nos casebres onde, há uns poucos de sábados, não entram os cobres da magra farda.

A situação desses camaradas é insustentável. Insustentável é a situação de seus filhos que morrem de miséria.

«Que pretende o governo mantendo nas masmorras esses camaradas?» Que pretendem as autoridades de Olhão, onde já quem é, dos operários que prendem arbitrariamente, sem, até hoje, dar-lhes conta desse acto? Matá-los pela fome? Em que regime vivemos então?

Meia dúzia de patifes, enriquecidos obscuramente à custa da miséria do povo, movem uma perseguição infame contra meia dúzia de honestos operários que não consentem, calados, os seus desmandos. E a meia dúzia de assassinares operários, a maior parte dos quais foram operários, é quem tudo manda, é quem tudo pode. E como não deixam roubar sem protesto, apontam-os às autoridades, como perigosos, como agitadores.

E esses camaradas aí estão, esperando que alguém se lembre de lhes dizer os motivos porque se encontram presos.

A greve dos marítimos, que motivou a sua prisão, terminou já. No entanto eles continuam nos cárceres da República.

Os marítimos voltaram ao trabalho. O movimento cessou, mas as arbitrariedades mantêm-se.

Que pensarão fazer os operários de Olhão em face disto? Consentirão que continuem nos calabouços os seus camaradas?

Ignoramos que atitude possa tomar a organização operária de Olhão. O que entendemos é que alguém há de opor-se a que as perseguições continuem e esse alguém só poderá ser a classe operária a que as vítimas pertencem.

Ainda o conflito gráfico

Uma questão velha, uma sentença bizarra... e uma nova questão!

Renasce o conflito entre os gráficos e as empresas jornalísticas?

A Federação do Livro e do Jornal deseja evitá-lo desde que os gráficos não fiquem colocados numa situação deprimente

... E as empresas jornalísticas? ...

Demonstrada fica, pois, a deficiência do documento que o dr. sr. Alves Ferreira redigiu. Existe no acordo firmado entre as empresas e a Federação uma alínea que diz:

«A decisão do árbitro será respeitada em absoluto por ambas as partes.»

Poder-se-á dizer com acerto que a Federação do Livro e do Jornal, sujeitando-se à doutrina desta alínea, não deveria discutir o documento que o árbitro apresentou?

E' um erro que tal se diga. Se a sentença do árbitro decidisse, de facto, a questão, se lhe desse uma solução, ainda mesmo que ela fosse adversa aos interesses da classe gráfica, a Federação nada mais teria a fazer que aceitá-la em absoluto, como era do seu dever!

Mas o caso é, talvez mal comparado, com o de um indivíduo que se senta a uma mesa onde à sua frente se lhe coloca um prato com exquisitez e que, sem o que val ingerir e peixe ou carne; e muito naturalmente indaga, cheia e prova e não consegue afixar, depois de muitas loucuras, saber positivamente do que consta o manjar que lhe foi apresentado. Está no seu pleníssimo direito de o não querer comer.

E' o caso que se dá com a sentença que o árbitro dr. sr. Alves Ferreira «cozinhou».

Pretendia-se saber, porque dúvidas se levantaram, se num dado momento houve greve ou *lock-out* e o relatório ao ex.º árbitro era a fiel expressão dos factos, relatório fiel e honestamente elaborado, e só por esse documento, se outro não houvesse — porque havia de da outra parte litigante que, sem dúvida, seria também criteriosamente elaborado — estava o ex.º árbitro devidamente habilitado a pronunciar-se duma maneira segura, clara e positiva.

Qualquer pessoa que tenha dedicado a este assunto uns momentos de atenção, e bem inteirada pela leitura dos documentos publicados, e que vá citados no nosso primeiro artigo, está habilitada, da mesma forma que o ex.º árbitro, a bem discernir e formar um seguro juízo.

Entendem s. ex.ªs antes trazer a público uma «opinião» sua sobre o assunto e terminar a tal «opinião» com um «conselho».

Mas se não era isso o que se pretendia...

Arrumado fica pois o caso, que uma forte razão nos levou a discutir e bem demonstradas ficam igualmente as razões que a tal nos impeliram.

Não recebeu a Federação do Livro e do Jornal comunicação alguma do ex.º árbitro sobre a sua sentença. Foi a outra parte litigante quem convocou os seus representantes a reunir, com manifestada surpresa nossa, e por quem, afinal, tomámos conhecimento da referida sentença.

Simplemente lamentamos o facto — atribuindo-o a um lapso de ex.ª — por denunciar desigualdade de tratamento para uma das partes, não ouvindo nós, apesar de tudo, duvidar que a parte operária lhe não haja merecido igual consideração.

Da honestidade com que a Federação tem tratado sempre este conflito, prova-o a larga publicidade que tem dado a todos os seus actos e documentos, fazendo interessar o público na marcha desta questão.

O relatório entregue ao dr. sr. Alves Ferreira foi por esta Federação torna-

Ainda o conflito gráfico

Uma questão velha, uma sentença bizarra... e uma nova questão!

Renasce o conflito entre os gráficos e as empresas jornalísticas?

A Federação do Livro e do Jornal deseja evitá-lo desde que os gráficos não fiquem colocados numa situação deprimente

... E as empresas jornalísticas? ...

As greves

Marceneiros

Cerâmicos de Sacavém

Os incidentes de Fiume

O resultado da comissão de inquérito

ROMA, 12. — O Corriere della Sera diz que a comissão de inquérito aos incidentes de Fiume já solucionou o assunto de maneira a dar satisfação à França sem ferir a dignidade nem o amor próprio da Itália. — H.

O Livro Vermelho do Terror Branco

A Guarda Branca Finlandesa Pavorosas cenas de sangue

A imprensa burguesa brada aos céus horrorizada, quando os revolucionários se defendem com alguma energia e chama «orgia de sangue» à execução de meia dúzia de contra-revolucionários. Mas se é a burguesia que, num furor doido de sangueira, sacrificia à sua avidez de domínio centenas e milhares de vítimas, então ou se cala ou chama à chacinha «justiça»!

E' necessário opor às suas mentiras interessadas e aos seus silêncios cúmplices a narração das inconcebíveis atrocidades da contra-revolução, por onde quer que este flagelo tenha passado.

Comecemos pela Finlândia e demos a palavra ao coronel Wedgwood, deputado inglês, que, referindo-se na Câmara dos Comuns (sessão de 29 de Maio) à contra-revolução finlandesa, auxiliada pelos alemães, declarou o seguinte:

«O terror na Finlândia foi exercido por aqueles mesmos Guardas Brancos que estamos agora reconhecendo como aliados num ulterior ataque contra a revolução social. O número de homens e mulheres presos nas primeiras semanas de Maio de 1918 foi de cerca de noventa mil, dos quais quinze a vinte mil foram fuzilados imediatamente, sem processo, arrancados a uma população inferior a um milhão.

«Os prisioneiros vermelhos eram em regra dizimados, e a miúdo os restantes eram também dizimados, e depois os sobreviventes eram perseguidos como suspeitos. Bastava um Branco presente declarar que algum deles era particularmente perigoso, para que este fosse imediatamente executado.

«Foram desse modo feitas as seguintes execuções: — em Rebemaki, 5.000; em Labti, 2.000; em Viborg, 4.000; etc. Em Labti, certa madrugada, na segunda semana de Maio, quinze dias depois de findo o combate, trouxeram para fora 2.000 mulheres, que as metralhadoras ceifaram em massa. Aquel está um Ter-

